



Atuação em Rede:
Voluntariado
Empresarial para
Ações Emergenciais

#cbve

Atuação em Rede: Voluntariado Empresarial para Ações Emergenciais



EXPEDIENTE

INICIATIVA

Conselho Brasileiro de
Voluntariado Empresarial

REALIZAÇÃO

CIEDS - Centro Integrado de Estudos
e Programas de Desenvolvimento
Sustentável

PLANEJAMENTO DE CONTEÚDO

Gislaine Catanzaro

COORDENAÇÃO DE CONTEÚDO

Silvia Naccache

ORGANIZAÇÃO DE CONTEÚDO

Vanessa Oliveira

SUPERVISÃO TÉCNICA

José Claudio Barros

APOIO DE CONTEÚDO

Vanessa Oliveira

AUTORES CONVIDADOS

Silvia Naccache

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Ana Carolina Vieira Carmona

SUMÁRIO

Apresentação	5
Crises Globais: Um Olhar Aprofundado e Interconectado por Silvia Naccache	7
Os 7 fundamentos essenciais para enfrentar emergências	15
O que as pesquisas da rede CBVE dizem sobre as Ações Emergenciais	28
Reflexão final	33



APRESENTAÇÃO

O Conselho Brasileiro de Voluntariado Empresarial (CBVE) é uma rede estratégica que une 27 das principais empresas do Brasil com o objetivo de desenvolver, fomentar e expandir suas práticas de responsabilidade social por meio de iniciativas de voluntariado empresarial. Nesse sentido, o CBVE atua como um catalisador para a implementação de programas de voluntariado que impactem diretamente comunidades em situações de risco e de vulnerabilidade, uma vez que promove não só o compromisso com as ações, mas a difusão do tema do voluntariado por todo o país.

Nos últimos anos, as empresas associadas ao CBVE mostraram o seu comprometimento crescente com as questões socioambientais diante da maior frequência de crises sanitárias e emergências climáticas em todo o país. Esse cenário de instabilidade tem levado cada vez mais as organizações a repensarem seus papéis na sociedade e, a partir disso, ampliarem suas formas de atuação e intervenção nos territórios em que estão presentes. Vemos, assim, uma tendência cada vez maior de que essas empresas coloquem na sua agenda, para além de ações de respostas pontuais a esses problemas, ações de mitigação que visem prevenir situações precárias e de risco como forma de evitar futuros problemas.

Por isso, buscamos nesta publicação trazer uma reflexão acerca do papel dos programas de voluntariado empresarial em situações emergentes de crises socioambientais, como temos visto ocorrer reiteradamente nas últimas décadas. Entendemos que a mobilização da sociedade civil e das organizações sociais em conjunto com a iniciativa privada ajudou e tem ajudado a mitigar e a restabelecer as comunidades afetadas por essas tragédias. Dessa forma, o nosso objetivo não será apenas reconhecer as conquistas atuais, mas também apontar os caminhos pelos quais o voluntariado empresarial tem se consolidado como um agente transformador em tempos de crise.



Crises Globais: Um Olhar Aprofundado e Interconectado



por **Silvia Naccache**

Silvia Maria Louzã Naccache é empreendedora social, palestrante, avaliadora de projetos, conteudista, captadora de recursos e consultora na área de Voluntariado, Voluntariado Empresarial, Responsabilidade Social, Desenvolvimento Sustentável e Terceiro Setor.

“A melhor maneira de prever o futuro é criá-lo.”

Peter Drucker

As crises globais que enfrentamos hoje são complexas, multifacetadas e interligadas de forma intrincada, gerando uma série de desafios urgentes. Migrações em massa, conflitos armados, mudanças climáticas extremas, acidentes em grande escala e crises sanitárias são apenas alguns exemplos dessas emergências que exigem respostas coordenadas e abrangentes.

Nesse sentido, essas crises são resultado de uma combinação de fatores que colocam à prova a nossa capacidade de lidar com emergências de diferentes naturezas e que exigem, portanto, soluções inovadoras e resilientes. A desigualdade econômica é uma delas, que não só aumenta a vulnerabilidade social como também cria tensões e conflitos coletivos. O aquecimento global, por sua vez, provoca a intensificação de eventos climáticos extremos, como secas, inundações, tempestades que causam desde desastres naturais, necessidades de retirada de populações de seu local de origem, até a falta de alimentos e água, entre tantos outros. Outra causa para as crises globais são as questões sanitárias, relacionadas às crises epidêmicas, como o surto do vírus da Aids nos anos 80 e 90 e, mais recentemente, a de COVID-19, em 2020. Essas situações expuseram as fragilidades dos sistemas de saúde e o consequente impacto devastador que a falta de preparação diante desses casos tiveram não só na vida das pessoas, mas na economia e na sociedade também.

Outros fatores também acabaram por provocar essas situações extremas, como a ausência do Estado e de políticas públicas que possam reter e minimizar a sua gravidade a partir de uma resposta rápida e eficiente, livre de julgamentos morais ou negação da ciência, como vimos acontecer com os dois casos históricos citados. Os desafios também são enormes nas áreas urbanas, com a concentração de pessoas, a violência e a falta de infraestrutura, e ainda os acidentes industriais, que causam impactos e crises gigantescas.

Partindo destes pontos, vemos que as consequências desse despreparo têm sido devastadoras para milhões de pessoas em todo o mundo, visto que provocam também conflitos de natureza civil e internacional, muitas vezes motivados por questões étnicas, religiosas, territoriais ou por disputas de recursos naturais, gerando sofrimento humano, instabilidade política, econômica e deslocamentos em massa. Tais contextos, além de provocar inúmeras perdas humanas, acabam por oportunizar a destruição e a perda da biodiversidade, bem como a degradação ambiental.

Por qual motivo tem sido tão desafiador o enfrentamento às emergências citadas? Muitas comunidades ainda não estão suficientemente preparadas para lidar com emergências complexas e de grande escala, necessitando de infraestrutura adequada, planos de contingência mais robustos

e treinamento especializado para as equipes de resposta. A solução às emergências complexas exige uma coordenação eficaz, com compartilhamento de informações, recursos e expertise, o que nem sempre se faz disponível ou aplicável na prática.

É por esse motivo que as emergências impactam de forma desproporcional os grupos mais vulneráveis da sociedade, como comunidades de baixa renda, minorias étnicas e pessoas com deficiência, o que termina por aprofundar as desigualdades existentes. É de se considerar também como os efeitos duradouros nas comunidades afetadas geram traumas psicológicos, problemas de saúde pública e impactos socioeconômicos que persistem por anos ou até décadas.

Vemos, a partir deste cenário, que a crescente conscientização sobre as crises globais têm impulsionado o surgimento de diversos movimentos e a intensificação pelas demandas de cooperação, tais como a busca por medidas necessárias de investimento em infra-estruturas duradouras e também o desenvolvimento de sistemas de alerta precoce e a implementação de políticas públicas mais atentas às questões de sustentabilidade ambiental.

O fortalecimento desses mecanismos de cooperação não só facilita a troca de informações e o envio de ajuda humanitária como tem colaborado também para o intercâmbio de conhecimentos tanto teóricos quanto práticos, que são usados nas capacitações de profissionais de saúde e nas pesquisas e desenvolvimento de novas tecnologias para prevenir, diagnosticar e tratar doenças infecciosas.

É evidente como a busca por soluções mais participativas fortalecem mecanismos de diplomacia preventiva e de combate ao extremismo, um esforço conjunto que mobiliza governos, organizações, empresas e a sociedade civil. Um exemplo disso são os acordos climáticos, como o Protocolo de Kyoto, o Acordo de Paris e as diversas agências das Nações Unidas, como o ACNUR, UNICEF, OMS, Programa Alimentar Mundial e Pacto Global, que demonstram a necessidade crucial da cooperação internacional para enfrentar os desafios globais.

Os acordos climáticos, em particular, estabelecem metas e compromissos para reduzir as emissões de gases de efeito estufa e combater as mudanças climáticas. O Protocolo de Kyoto, embora tenha sido



um marco histórico, apresentou algumas limitações. Já o Acordo de Paris, um marco ainda mais ambicioso, estabelece um objetivo global de limitar o aumento da temperatura média global. A importância destes acordos reside na cooperação internacional que acabam por promover a sinalização de mercado para investimentos em tecnologias limpas e na ambição das metas estabelecidas, impulsionando a ação climática em todos os níveis.

As agências das Nações Unidas, por sua vez, desempenham um papel fundamental na resposta às crises globais. O ACNUR protege refugiados, o UNICEF trabalha pela melhoria da vida das crianças, a OMS lidera os esforços internacionais para promover a saúde, o Programa Alimentar Mundial busca combater a fome e o Pacto Global é focado na sustentabilidade e responsabilidade social corporativa.

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), são mais uma iniciativa global da ONU, propõem um futuro mais justo e sustentável para o planeta. Com metas e prazos definidos, a ambiciosa agenda 2030 dos ODS permite medir o progresso local e global, garantindo que ninguém seja deixado para trás.

Existe uma indissolúvel ligação entre a Agenda 2030 e as Crises Climáticas. Uma agenda que com seus 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), representa um ambicioso plano global para construir um futuro mais justo, equitativo e sustentável para todos. No centro desta agenda, encontra-se o reconhecimento da interdependência entre os desafios socioeconômicos e ambientais que a humanidade enfrenta. As mudanças climáticas, com seus impactos cada vez mais intensos e generalizados, emergem como uma das maiores ameaças à consecução dos ODS e ao bem-estar das futuras gerações.



A relação entre a Agenda 2030 e as crises climáticas é profunda e multifacetada. As alterações climáticas não são apenas um problema ambiental, mas também um desafio social, econômico e político. Seus efeitos se manifestam de diversas formas, agravando as desigualdades existentes e comprometendo o progresso em direção aos ODS.

As comunidades mais vulneráveis, especialmente aquelas localizadas em regiões ainda em desenvolvimento, são as mais atingidas pelos impactos das mudanças climáticas. Eventos extremos, como secas, inundações e tempestades, destroem infraestruturas, cultivos e meios de subsistência, aprofundando a pobreza e a desigualdade. A erradicação da pobreza (ODS 1) e a redução das desigualdades (ODS 10) estão inextricavelmente ligadas à mitigação e à adaptação às mudanças climáticas.

A agricultura, a base da segurança alimentar, é altamente sensível às variações climáticas. Aumentos nas temperaturas, alterações das chuvas e eventos climáticos



extremos afetam a produtividade agrícola, a disponibilidade de água e a diversidade de culturas. A fome zero (ODS 2) só poderá ser alcançada se forem adotadas medidas eficazes para garantir a resiliência dos sistemas agroalimentares às mudanças climáticas.

As mudanças climáticas representam uma grave ameaça à saúde humana. O aumento das temperaturas e a intensificação de eventos extremos propiciam a proliferação de vetores de doenças, como mosquitos e roedores, aumentando o risco de epidemias. Além disso, os desastres naturais causam traumas psicológicos e deslocamentos populacionais, com consequências duradouras para a saúde mental e física das pessoas. A garantia de saúde e bem-estar para todos (ODS 3) exige uma abordagem integrada que contemple os riscos climáticos.

Também conectadas estão as questões de energia limpa e renovável. A transição para um modelo energético mais sustentável é fundamental para combater as mudanças climáticas e promover o desenvolvimento sustentável. Não basta responder aos impactos causados pelas crises climáticas, é fundamental evitá-los

ou pelo menos minimizá-los. O acesso à energia limpa e acessível (ODS 7) é essencial para reduzir a pobreza, impulsionar o crescimento econômico e melhorar a qualidade de vida das populações.

E ainda, como promover a paz, justiça e instituições eficazes quando crises de clima extremo geram conflitos e instabilidade social, especialmente em regiões já fragilizadas por outros conflitos ou desigualdades. A construção de sociedades pacíficas, justas e inclusivas (ODS 16) é fundamental para enfrentar os desafios da crise climática e garantir a implementação de políticas públicas eficazes e equitativas.

É importante ressaltar que os ODS não são objetivos isolados, mas sim interdependentes. As ações para enfrentar as mudanças climáticas contribuem para o avanço de diversos outros ODS, como a educação de qualidade (ODS 4), a igualdade de gênero (ODS 5), a água potável e saneamento (ODS 6), o trabalho decente e crescimento econômico (ODS 8), a indústria, inovação e infraestrutura (ODS 9), as cidades e comunidades sustentáveis (ODS 11) e a vida abaixo da água (ODS 14) e na terra (ODS 15).



Acordos climáticos são instrumentos complementares para que governos, empresas, sociedade civil e cidadãos trabalhem em conjunto para implementar ações ambiciosas e transformadoras que nos permitam enfrentar os desafios da crise climática e suas consequências e impactos.

A resposta a crises globais exige um esforço coletivo e multifacetado. O ODS 17, que enfatiza parcerias, mobiliza governos, empresas, sociedade civil e cidadãos. Cada um contribui com suas forças: os governos estabelecem políticas públicas e regulamentações, as empresas investem em soluções inovadoras e sustentáveis, a sociedade civil oferece apoio humanitário e defende direitos, e os cidadãos atuam como agentes de mudança em suas comunidades. Essa união é fundamental para enfrentar desafios complexos como a desigualdade, a mudança climática e a pobreza.

As empresas, por muito tempo vistas apenas como agentes econômicos, têm reconhecido a necessidade de assumir um papel mais proativo na sociedade. Seus recursos financeiros, tecnológicos e humanos podem ser mobilizados para gerar inovação, investimento em pesquisas e desenvolvimento para encontrar soluções criativas para os desafios globais, como tecnologias mais limpas, novos modelos de negócios sustentáveis e produtos e serviços que promovam o bem-estar social. Contribuem também ao adotarem práticas de produção e consumo sustentáveis, reduzindo o impacto ambiental e social. Engajadas com a comunidade, as empresas fortalecem laços e promovem o desenvolvimento local conscientizando sobre os motivos e as decorrências das crises globais.

Essas empresas podem fazer a diferença no combate às emergências através do investimento social e da responsabilidade corporativa. Ao promoverem a colaboração entre diferentes setores e implementarem medidas de mitigação, é possível fortalecer os sistemas de resposta e, assim, estaremos mais bem preparados para enfrentar os desafios que estão por vir. O voluntariado empresarial combina o investimento social das empresas com a energia e a paixão dos voluntários. As empresas podem oferecer oportunidades de voluntariado para seus funcionários, permitindo que eles contribuam para causas sociais e desenvolvam suas habilidades.

Entendemos que o voluntariado é uma força motriz para a construção de um mundo mais justo e a solidariedade é a palavra que descreve a motivação da maioria dos voluntários brasileiros, 74% segundo a pesquisa Voluntariado no Brasil, dedicando seu tempo e energia para ajudar aqueles que mais precisam, em diversas áreas. No auxílio humanitário; ao prestar assistência em situações de emergência; na coleta e distribuição de recursos como alimentos e roupas; identificando abrigo e outras demandas que possam surgir. Eles atuam e contribuem no desenvolvimento social comunitário, seja em projetos de educação, saúde, meio ambiente e promoção da cidadania.

O voluntariado empresarial é o melhor dos dois mundos! Enquanto fortalece a imagem da empresa junto à comunidade,

chancela a sua reputação e demonstra o compromisso da empresa com a responsabilidade social. É estratégico para aumentar o engajamento dos funcionários, a satisfação no trabalho e a lealdade à empresa. O voluntariado permite ainda que os funcionários desenvolvam novas habilidades e conhecimentos. que os funcionários desenvolvam novas habilidades e conhecimentos.

O mundo está em constante transformação, e, de maneira mais intensa e recorrente, coloca à prova nossa capacidade de lidar com emergências diferentes e nos aponta desafios que exigem respostas inovadoras e urgentes. Para construir um futuro mais seguro e resiliente, precisamos agir de forma coletiva e proativa. Uma jornada de gestão de crises exige a colaboração de todos, e ao unirmos forças, podemos prevenir, responder e recuperar de forma mais eficaz.

Neste contexto, o voluntariado empresarial surge como um poderoso aliado, ampliando o alcance das ações e fortalecendo as comunidades. Vamos explorar os 7 fundamentos que norteiam a jornada de gestão de crise humanitária e que podem transformar a forma como enfrentamos as adversidades causadas inclusive pelas mudanças climáticas e contar com a estratégica e relevante participação de voluntários. São eles: educar, antecipar, responder, cuidar, monitorar, colaborar e comunicar.







Os 7 fundamentos essenciais para enfrentar emergências

1. Educar para a Resiliência

Investir em educação é a chave para construir comunidades mais resilientes. Ao equipar as pessoas com conhecimentos básicos de primeiros socorros e prevenção de riscos, estamos não apenas salvando vidas, mas também fomentando uma cultura de autoproteção. Quando a população está preparada e informada, ela se torna um agente ativo na construção de um futuro mais seguro.

Voluntariado empresarial:

Empresas podem organizar campanhas de conscientização, oferecer treinamentos em primeiros socorros e promover ações de voluntariado em comunidades carentes, fortalecendo o senso de comunidade e preparando as pessoas para enfrentar crises.



O programa de voluntariado do Instituto C&A é estruturado de maneira a estabelecer conexões estratégicas com Organizações Sociais nos territórios em que a empresa está presente, que são acionadas em caso de desastres naturais, mapeamento de insegurança alimentar, crises sanitárias e etc. A capacidade para uma resposta mais ágil frente a estes problemas é fruto da experiência conjunta às organizações de base e às comunidades locais, que permitiu compreender melhor as necessidades locais e as formas de superá-las. Não só isso, como uma boa estrutura para basear as atuações também provém de práticas internas e informações de domínio público que servem como base para aprimoramento da equipe de voluntários e das próprias ações, bem como no desenvolvimento local. Por isso, o conhecimento técnico e a proximidade com a comunidade é uma das principais formas de torná-la resiliente diante das dificuldades.



2. Antecipar e Minimizar Riscos

Prevenir é sempre melhor do que remediar. Ao identificar as áreas mais vulneráveis e implementar medidas de proteção adequadas, podemos reduzir significativamente o impacto de desastres naturais e outras crises. A construção de infraestruturas resilientes, como edifícios capazes de resistir a terremotos e enchentes, e o planejamento urbano sustentável, que prioriza a preservação do meio ambiente, são medidas essenciais para garantir a segurança de nossas cidades.

Voluntariado empresarial:

Empresas podem colaborar com governos e organizações da sociedade civil para identificar e mapear áreas de risco, além de investir em projetos de infraestrutura sustentável e resiliente.

Sotreq



O Programa de Voluntariado Corporativo Sotreq, gerido pelo Instituto Social Sotreq (ISSO), incentiva os colaboradores a atuarem em ações que reforçam os valores da empresa. Além de respostas mais rápidas às situações de crise, como arrecadação de itens básicos, alimentos e doação de equipamentos, a Sotreq possui um Fundo Emergencial aprovado pelo Comitê de Investimento Social Privado, que prevê arrecadação de recursos financeiros por meio de matchfunding, um modelo de financiamento coletivo envolvendo colaboradores, amigos e familiares cujo valor total é doado em um valor igual ou superior pela empresa. Nesse sentido, um fundo voltado especificamente para situações de emergência pode oferecer um investimento mais direto para o diagnóstico de possíveis situações de risco, visando também o desenvolvimento estrutural e a diminuição de futuros desastres e acidentes.

3. Responder com Eficiência e Humanidade

Quando um desastre acontece, a rapidez e a eficiência da resposta são cruciais. Ter planos de ação bem definidos, sistemas de alerta eficientes e equipes treinadas para agir em situações de crise são fundamentais para minimizar os danos e atender às necessidades da população. Além disso, é preciso garantir uma resposta humanitária, que leve em consideração as particularidades de cada situação e as necessidades individuais das pessoas afetadas.

Voluntariado empresarial:

Empresas podem mobilizar seus colaboradores para ações de voluntariado em situações de emergência, oferecendo apoio logístico e doação de recursos financeiros e materiais para as comunidades afetadas. Visitas para mapear organizações e redes de apoio nas regiões.



O Banco Santander lançou uma campanha de doação em que os recursos doados pelos colaboradores foram dobrados com recursos do Banco como forma de somar e potencializar as ações já realizadas. Os colaboradores também se voluntariaram para ajudar na organização das ações, como na separação de roupas, distribuição local, organização de centros e distribuição de itens.



A CEMIG disponibilizou um helicóptero para auxiliar nas operações de inspeção de linhas e redes elétricas e no deslocamento de equipes para áreas ilhadas. A empresa também enviou unidades móveis de geração de energia e veículos especiais que apoiaram a Equatorial CEEE, concessionária que atende a região metropolitana de Porto Alegre para o restabelecimento de energia. Foram enviados cinco geradores com potência para abastecer 2.500 residências de médio porte e cinco quadriciclos do tipo UTV que permitem a locomoção em terrenos difíceis, além de técnicos e engenheiros. A empresa também acionou contatos com parceiros para identificar a melhor forma de enviar e armazenar as doações para o RS e quais eram os itens prioritários. Após essas consultas e parcerias, a Cemig realizou uma campanha de arrecadação em prol das vítimas das enchentes, considerando os itens prioritários informados pela Cruz Vermelha, que providenciou a logística. Além disso, em parceria com a Cemig Run (corrida anual organizada pela Cemig e Cemig Saúde), os empregados que participaram da corrida foram incentivados a doar um quilo de alimento não perecível em troca de um kit da corrida. Empenhada em prestar toda a ajuda possível, adicionalmente às doações dos voluntários e dos participantes da corrida, a Cemig também contou com o apoio dos seus voluntários na triagem de doações, separando e organizando por categoria os itens arrecadados pelo Servas - Serviço Social Autônomo, que também foram enviados ao estado atingido.



4. Cuidar, Reconstruir e Renovar

Restabelecer após um desastre é uma oportunidade para construir um futuro melhor. Ao reestruturar nossas cidades e comunidades, devemos priorizar soluções sustentáveis e resilientes, que nos permitam enfrentar os desafios do futuro. É importante também aprender com as experiências passadas, identificando as falhas e buscando melhorias contínuas nos planos de resposta e recuperação.

Voluntariado empresarial:

Empresas podem investir em projetos de reconstrução e desenvolvimento sustentável, apoiando a recuperação de comunidades atingidas por desastres, por meio de mutirões e grupos de apoio.



A Gerdau investiu na reconstrução dos espaços após os primeiros momentos do desastre climático no Rio Grande do Sul. Com base em projetos autorais como Reforma Que Transforma e 5S na Comunidade, as ações articulam todo um ecossistema de atores, como fornecedores de material de construção, executores locais, organizações públicas e privadas, entidades sociais e sociedade civil, tornando-o eficiente, autônomo e contínuo para promover o desenvolvimento local, gerar renda para a população e possibilitar acesso a mais pessoas de baixa renda para contratar o serviço de reforma para as suas casas.

5. Monitorar e Aprender

A gestão de riscos é um processo contínuo. É fundamental monitorar de forma constante as condições ambientais e sociais, identificar novas ameaças e avaliar a eficácia das medidas de prevenção e resposta. Através da análise dos dados coletados, podemos identificar padrões, tendências e áreas que precisam de maior atenção.

Voluntariado empresarial:

Empresas podem investir em pesquisa e desenvolvimento de novas tecnologias e soluções para a gestão de riscos, contribuindo para a construção de um futuro mais seguro.



A VLI entende a importância de manter uma relação sólida com as comunidades próximas às suas atividades já que tem uma extensa operação com cerca de 8.000km de ferrovia e presença em mais de 250 cidades em 10 estados brasileiros. Nesse sentido, o programa de voluntariado é bastante voltado para a relação com as comunidades e se baseia em diálogo e transparência, sendo que as iniciativas buscam contribuir com o desenvolvimento social, econômico e ambiental, além do estabelecimento de um convívio harmônico entre as operações e as comunidades, gerando valor compartilhado.

6. Colaborar para fortalecer: Unir Forças

Nenhum indivíduo ou organização é capaz de enfrentar os desafios da gestão de riscos sozinho. A colaboração entre governos, empresas, organizações da sociedade civil e academia é fundamental para construir um futuro mais seguro. Ao unirmos forças, é possível compartilhar conhecimentos, recursos e experiências, fortalecendo as ações.

Voluntariado empresarial:

Empresas podem criar redes de colaboração com outras empresas, organizações da sociedade civil e governos para enfrentar desafios complexos de forma conjunta. Organizar grupo de voluntários que atuem em e para um mesmo território.



O Programa Voluntários Bradesco desenvolve ações e apoia as iniciativas de seus voluntários em todo o Brasil. Ações emergenciais também são realizadas para apoiar vítimas de desastres naturais, crises sanitárias e outras situações de vulnerabilidade social. Em 2021, mais de 28 mil funcionários colaboraram em ações de arrecadação e distribuição de alimentos, durante a crise sanitária de COVID-19, assim como em 2023, em que mais de 600 funcionários da Diretoria Regional Norte se mobilizaram para arrecadação de água e alimentos para a região. Também em 2023, com os alagamentos do litoral paulista, o Bradesco fez uma parceria com a Gerando Falcões para incentivar a arrecadação de recursos financeiros, doando e divulgando a campanha "TAMO JUNTO", como forma de auxílio à situação de crise climática da região. Em 2024, equipes de voluntários também realizaram ações de arrecadação de doativos em prol das cidades do Rio Grande do Sul, afetadas pelas enchentes.



7. Comunicar e Educar continuamente

A comunicação clara e transparente é essencial para garantir que as pessoas estejam informadas sobre os riscos e as medidas de segurança. Além disso, é preciso investir em educação para que as novas gerações cresçam com consciência da importância da prevenção e da resiliência. Ao educar as pessoas sobre os riscos e as medidas de segurança, estamos construindo uma sociedade mais preparada.

Voluntariado empresarial:

Empresas podem comunicar internamente a importância da sustentabilidade e da resiliência, incentivar seus colaboradores a se engajarem em ações voluntárias e projetos sociais.

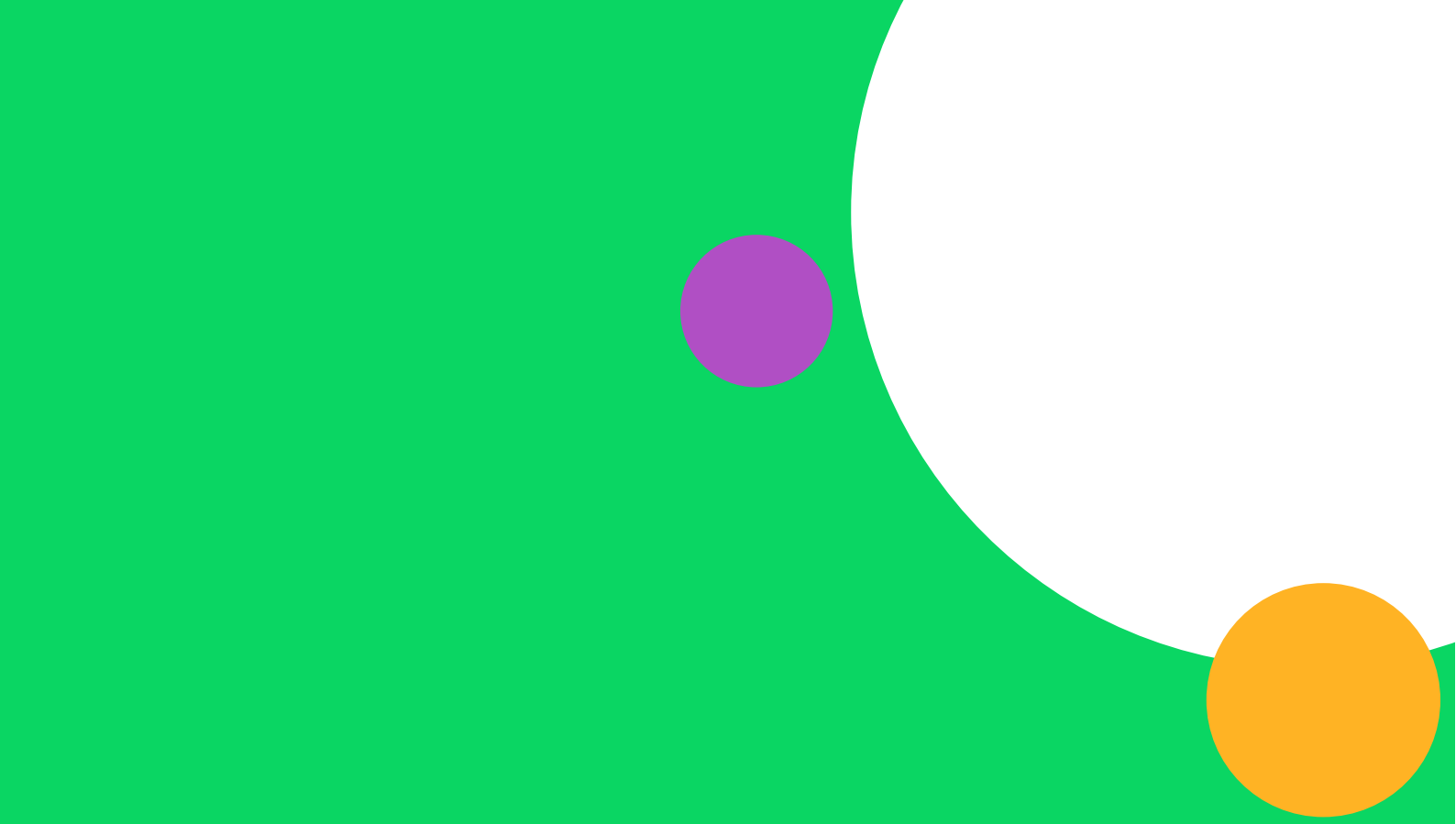


O Instituto BRF tem uma atuação organizada em três frentes: comunicação com as lideranças dos territórios, mapeamento de organizações da sociedade civil e divisão de voluntários por grupos focais. Essas frentes de apoio foram desenvolvidas com base na escuta e experiências dos voluntários em regiões como o oeste catarinense, Recife, Rio de Janeiro e, recentemente, nas chuvas no Rio Grande do Sul. Esses comitês de Impacto Social permitem uma estrutura permanente nas unidades da empresa em que os voluntários mobilizam a agenda social local, mantendo redes de relacionamento para identificar e melhor responder às emergências.



O Itaú arrecadou milhões em recursos financeiros com a participação dos seus colaboradores, além de ceder parte dos seus espaços de mídia na TV e internet para divulgar as campanhas de arrecadação já promovidas por outras organizações, como a Ação Cidadania, GRAD e Movimento União BR. Foram 21 inserções na TV Globo, em programas como Jornal Nacional, Jornal da Globo e Fantástico, com alcance estimado de 45 milhões de pessoas.



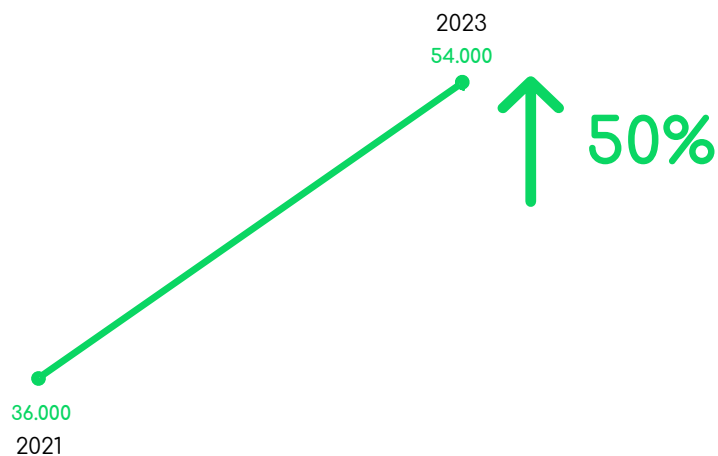


O que as pesquisas da rede CBVE dizem sobre as Ações Emergenciais

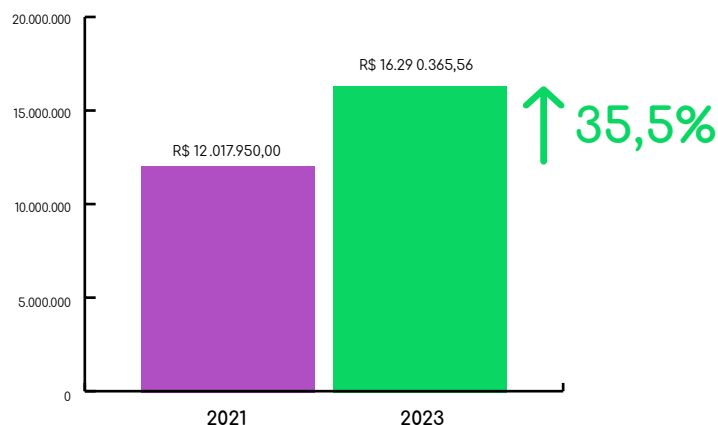
Em tempos de intensificação das emergências climáticas e sociais, vemos como os programas de voluntariado têm se fortalecido para suprir uma demanda cada vez maior de mobilização comunitária. É o que aponta o World Giving Index 2024, uma das maiores pesquisas sobre o tema da 'generosidade', isto é, que mede as práticas de doações monetárias, de ajuda a desconhecidos e de tempo investido em voluntariado em diferentes países. Em relação ao ano de 2023, o Brasil subiu três posições, estando em 86º no ranking de países mais generosos. A pesquisa considera, portanto, como os índices de ajuda humanitária globais vêm crescendo, e em especial como o voluntariado tem se mostrado uma ferramenta de interesse em ascensão para aqueles que buscam atuar com impacto social.

Esse aspecto também é evidenciado se olharmos para os dados do Censo CBVE de 2023, em que houve tanto um aumento significativo (50%) no número de pessoas voluntárias, quanto um aumento nos recursos financeiros direcionados para os programas de voluntariado (35,5%) em relação aos anos anteriores. Além disso, o próprio crescimento da rede no ano de 2024 revela a tendência de formalidade e robustez a que os programas institucionalizados de voluntariado estão sujeitos. Sendo, hoje, o CBVE composto por 27 grandes empresas – atualmente o maior número de empresas que o Conselho já teve nos seus 16 anos de existência –, temos uma pista da relevância do tema nos tempos atuais.

Número de pessoas voluntárias
(comparativo 2021 e 2023)



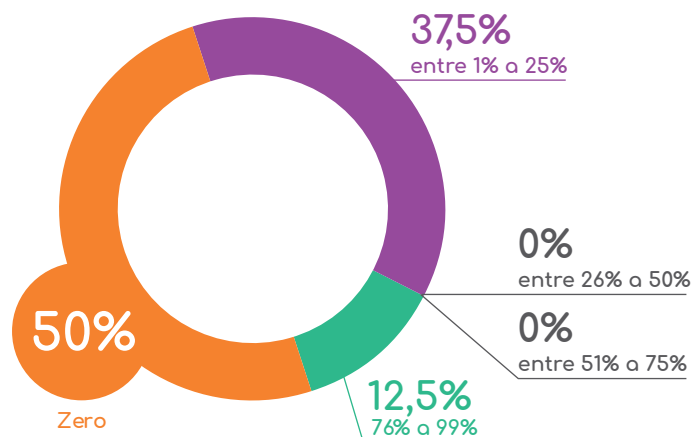
Orçamento anual para Programas de Voluntariado
(comparativo 2021 e 2023)



Partindo destes dados, podemos também refletir a respeito dos avanços e dos desafios enfrentados pelas empresas em seu envolvimento cada vez maior com ações de cunho emergencial.

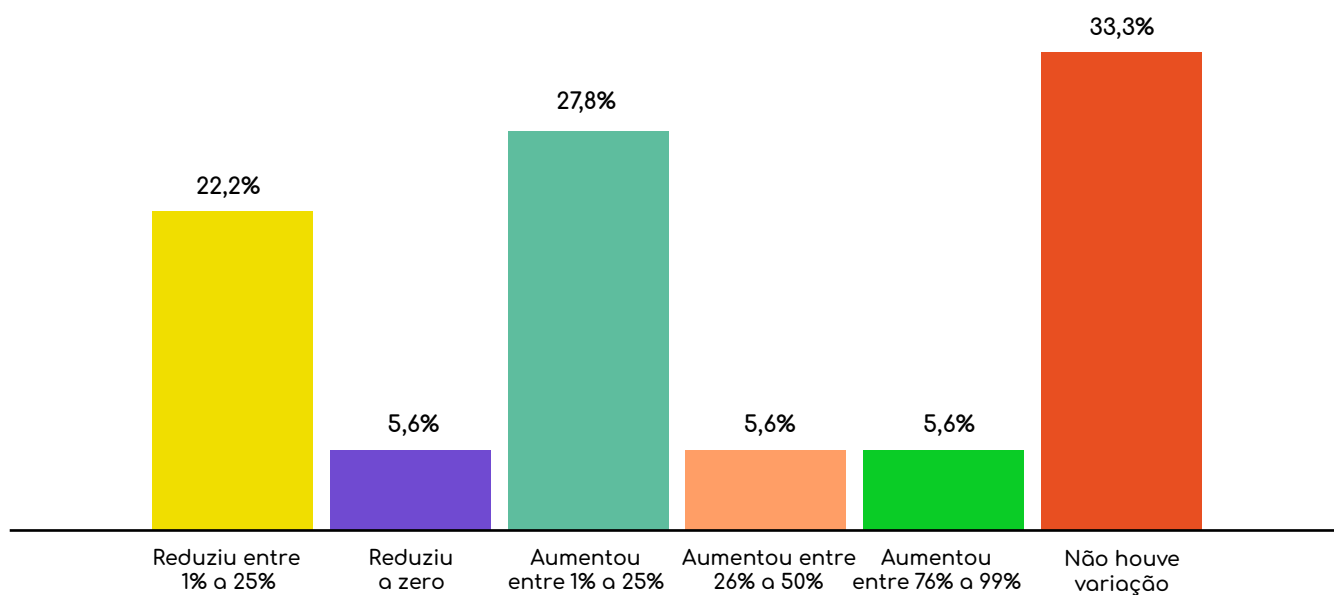
Podemos, por exemplo, entender melhor isso ao olharmos para a abordagem do Censo CBVE relacionada à pandemia de COVID-19, cuja crise social intensa demandou maior engajamento e reestruturação dos próprios programas de voluntariado. Em 2020, 50% das empresas disseram que sofreram variações no orçamento do programa de voluntariado corporativo, sendo tanto positivas quanto negativas, enquanto no cenário pós-COVID, em 2023, 39% das empresas passaram a, de fato, aumentar seus orçamentos visando as ações de voluntariado.

O programa de voluntariado corporativo da sua organização sofreu variação de orçamento por causa da pandemia?



Fonte: Censo CBVE 2021

Orçamento dos programas de voluntariado pós-Covid 19



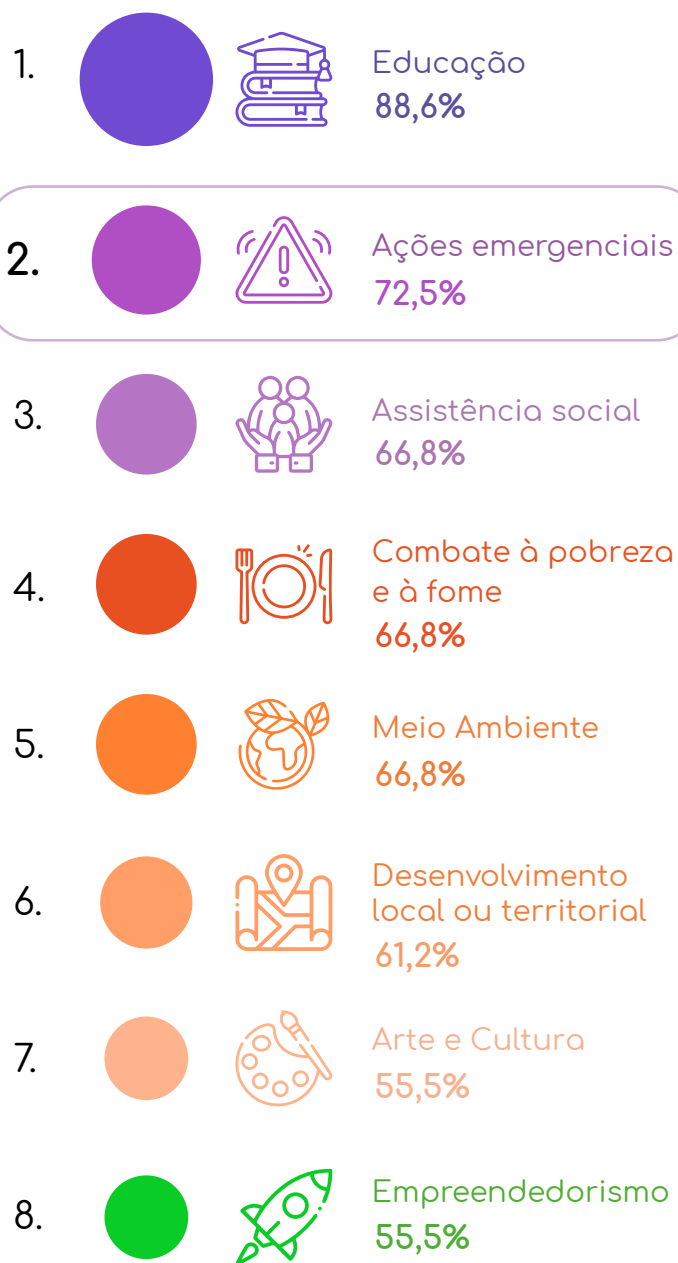
39% aumentaram o orçamento dos programas de voluntariado em 2023, no cenário pós-COVID.

Fonte: Censo CBVE 2023

Vemos como as iniciativas voltadas para respostas a crises como desastres climáticos e emergências sociais passaram nos últimos anos a ocupar cada vez mais a agenda de atuação dos programas de voluntariado, que exigiam por sua vez, não só um maior investimento econômico mas também políticas mais robustas para enfrentamento de situações de calamidade pública. Nesse contexto, o tema das ações emergenciais aparece em segundo lugar nas ações de voluntariado mais realizadas, em que 72,5% das empresas responderam atuar nesta frente. No entanto, se por um lado, mais de 70% das empresas afirmaram atuar no eixo de respostas emergenciais, por outro, o investimento direto nas ações de prevenção a possíveis catástrofes ainda é relativamente baixo. Ainda nesta imagem, o Censo mostrou que apenas 11% das empresas incluíram em suas iniciativas o envolvimento com ações de mudanças ambientais e climáticas, o que se traduziu em projetos voltados principalmente para a conscientização ambiental e plantio de mudas.

Ademais, o Censo revelou que a maioria das empresas (89%) não deram continuidade às ações de voluntariado do pós-pandemia, o que indica que possam ter direcionado seus esforços à outras ações ou que ainda, não levavam como prioridade a mitigação dos efeitos de longo prazo que uma crise social proporciona. Nesse sentido, mesmo que haja uma crescente preocupação e alinhamento dos negócios com as questões socioambientais, bem como uma notável capacidade de mobilização em momentos de crise, é evidente como a construção de uma cultura corporativa mais orientada para a sustentabilidade de longo prazo nos territórios ainda é um desafio e precisa ser melhor estruturada.

Principais áreas de atuação das atividades de voluntariado



Fonte: Censo CBVE 2023

No caso das enchentes do Rio Grande do Sul ocorridas em março de 2024, em que mais da metade das empresas da rede CBVE estão presentes e têm atividades diretas no território, podemos verificar que a atuação no pós-desastre foi mais levada em consideração. Neste cenário, mais de 55% das empresas já possuíam protocolos próprios para casos emergenciais e além da intensa atuação nos primeiros momentos das enchentes, as empresas se organizaram para a condução de ações nos momentos de reestruturação do Estado, e 72% afirmaram ainda terem propostas para o futuro.

Partindo destes dados, sabemos como a atuação reativa diante de desastres, embora essencial, não substitui a importância de políticas preventivas que visem reduzir a exposição das comunidades a riscos futuros. Enquanto as iniciativas de responsabilidade social corporativa já estão bem estabelecidas, os programas focados na prevenção de problemas ambientais e sociais ainda exigem um planejamento mais abrangente, que inclua não apenas ações imediatas, mas também metas de longo prazo, além de incluírem outros agentes como os governos locais e a sociedade civil.





Reflexão final

Em um mundo cada vez mais interconectado e vulnerável a eventos extremos, a complexidade dos caminhos para gestão de crises não pode ser um obstáculo à participação social. Pelo contrário, ela demanda um maior engajamento de todos os setores, especialmente do voluntariado empresarial que, como mostramos aqui, possui cada vez mais força e potencial para atuar como um catalisador de mudanças sociais duradouras.

Ao explorarmos os 7 Fundamentos que norteiam a jornada, desde a educação e a prevenção até a resposta e a reconstrução, evidenciamos como o voluntariado empresarial fortalece as comunidades e amplia o impacto das ações sociais. Essa abordagem contribui para a construção de um futuro mais resiliente, em que empresas e indivíduos estão cada vez mais preparados para enfrentar os desafios de forma colaborativa, pavimentando o caminho para uma sociedade mais sustentável.

Esperamos, com esses dados e reflexões, que as empresas possam ter um guia mais direto em relação a quais ações e protocolos podem seguir para melhor orientarem os seus programas de voluntariado que hoje, mais do que nunca, se encontram em um contexto de crescimento diante da maior necessidade de mobilização coletiva e imediata.



conselho brasileiro de
voluntariado empresarial

 [instagram.com/rede_cbve](https://www.instagram.com/rede_cbve)

 [youtube.com/c/RedeCBVE](https://www.youtube.com/c/RedeCBVE)

 [linkedin.com/company/cbve](https://www.linkedin.com/company/cbve)

 [cbve.org.br](https://www.cbve.org.br)

REFERÊNCIAS

CBVE. CBVE, 2023. Censo CBVE 2023: Revelando as Tendências e Desafios do Voluntariado Corporativo no Brasil. Disponível em: <https://www.cbve.org.br/noticia/centso-cbve-2023-revelando-as-tendencias-e-desafios-do-voluntariado-corporativo-no-brasil#:~:text=O%20Censo%20CBVE%202022%20fornece,da%20tem%C3%A1tica%20no%20cen%C3%A1rio%20brasileiro.>

CBVE. Censo do voluntariado corporativo 2021 [livro eletrônico]. - Rio de Janeiro: CIEDS, 2021. Disponível em: <https://www.cbve.org.br/noticia/cbvecompartilha-centso-2021>

CBVE. Ações Emergenciais do voluntariado empresarial da Rede CBVE, em números.

Charities aid foundation. World giving index 2024 - Global trends in generosity. Cafonline, 2024. Disponível em: https://www.cafonline.org/docs/default-source/inside-giving/wgi/wgi_2024_report.pdf

Pesquisa Voluntariado no Brasil, 2021. Disponível em: www.pesquisavoluntariado.org.br

